

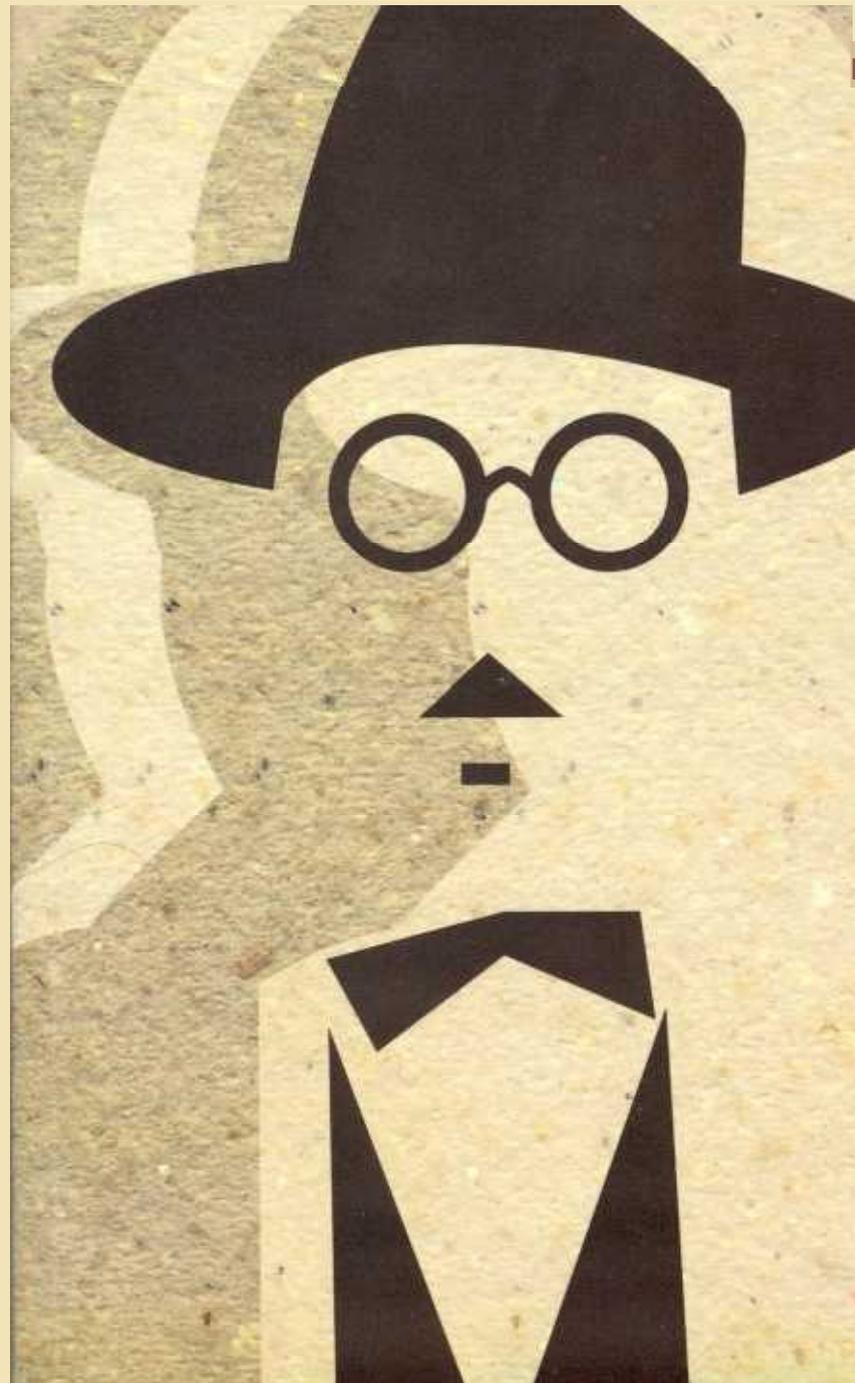
NOVA ÁGUIA

Revista de Cultura para o Século XXI

N.º 7 — 1.º SEMESTRE 2011

Direção:

Ensaio, poesia e ótros temas

A stylized, high-contrast portrait of Fernando Pessoa. He is depicted from the chest up, wearing a dark fedora hat, round glasses, a dark mustache, and a dark suit jacket over a white shirt and dark tie. The background is a textured, light-colored surface with faint, overlapping circular patterns.

**FERNANDO
PESSOA**

"minha pátria é a
língua portuguesa"

NOS 15 ANOS DA CPIP

Zéfiro



Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

Assinaturas www.zefiro.pt/novaaguia
Blogue www.novaaguia.blogspot.com
Email novaaguia@agnail.com

TÍTULO

Nova Águia — N° 7 — 1º Semestre 2011

AUTORES

Vários Aurores

DIRECÇÃO

Renato Epifânio, Celeste Natário e Miguel Real

ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)

Délio Vargas e Ruela

CAPA

Henrique Gabriel

EDITORES

Alexandre Gabriel & Sofia Var. Ribeiro

1ª EDIÇÃO: Março de 2011

ISBN: 978-989-677-060-0

ISSN: 1647-2802

DEPÓSITO LEGAL: 324 710/11

IMPRESSÃO: Rolo & Filhos II, S.A.

2011, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro — Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.

Apartado 21 — 2711-953 Sintra — Portugal

EMAIL: zefiro@zefiro.pt

ÍNDICE

F, D, I, L, C, R, I, A, I 5

"MINHA PÁTRIA É A LÍNGUA PORTUGUESA": NOS 15 ANOS DA CPLP

Adriano Moreira, UMA PROSPECTIVA DA CPLP 8
António José Borges, TIMOR-LESTE — UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE 9
Carlos Manuel Pona Pinto Carreira, TRILEMATRIDENTINO 14
Eduardo Aniso, A PÁTRIA E A LÍNGUA NO EALÉM TEMPO E ESPAÇO 23
Rui Martins, "DA MINHA LÍNGUA VÊ-SE O MAR" 25
Renato Ipilano, NOS 15 ANOS DA CPLP: A FUTURA "PÁTRIA DE TODOS NÓS" 27

SOBRE FERNANDO PESSOA

uno Soim Mavor I creio, FERNANDO PESSOA: O SENTIMENTO 1 USOFONO NA SUA OBRA 34
Num> Freixo, A *CC/NSUENL7A /MEU/ 1*11 FERNANDO PESSOA 39
Paulo Ferreira da Cunha, FERNANDO PESSOA, HERMENÊUTICA JURÍDICA E RETÓRICA 41
Pedro (ipriano, *A MENSAGEM* NA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL 45
Pedro Martins, A LÂMINA 47
Abdul Cadre, UM FERNANDO PESSOA 50
Abel António de Guimarães Coelho, CARTA AO AMIGO POETA DESENCANTADO 62
António Braz Teixeira, BREVE NOTA SOBRE A SAUDADE NO *LIVRO DO DESASSOSSEGO* 67
Antonio Cardillo, SCHOPFNHAUER "EDUCADOR" DE FERNANDO PESSOA E JORGE LUIS BORGES 69
Artur Manso, A PROPÓSITO 1)11 *O GUARDADOR DE REBANHOS* DI; CA FIRO 74
Celeste Natário, ENTRE. (:AFIRO F. PASCOAES: BREVE APONTAMENTO 79
Conceição Jacinto, NA O SEI 81
Gabriel Viviani de Sousa, O SER EM CONFLITO: ANÁLISE. DAS OBRAS DE SÁ-CARNEIRO E PESSOA 83
Gabriela Lança, CONSCIÊNCIA, REALIDADE: 1• TEMPO M11'ICO EM FERNANDO PESSOA 89
Gilberto de Iaschrii., A VIA CAINITA DA SERI'ENTI EM FERNANDO PESSOA 95
José Leitão, IPSISSIMUS PESSOA 99
Júlia Dieguez, FERNANDO PESSOA: UNA HERMENÊUTICA CONCILIADORA 101
Lúcia Helena Alves de Sá, EM VIZINHANÇA DA EXPERIÊNCIA DO PENSAR 100
Manuel Ferreira Patrício, MINHA PÁTRIA É A LÍNGUA PORTUGUESA. LENDO O POETA 100
Marfa Martín Góntez, FERNANDO PESSOA Y PORTUGAL 111
Maria Luísa de Castro Soares, A LÍNGUA E A PÁTRIA PORTUGUESAS E(M) FERNANDO PESSOA 110
Miguel Filipe M., TOTALIDADE E LITFRARIEDADE — UMA LEITURA PESSOANA z:
Miguel Real, MENSAGEM AMBIGUIDADE POLÍTICA NA IMAGÉTICA PROVIDENCIALISTA DO IMPÉRIO 130

SOBRE CASTILHO, CARLOS QUEIROZ E ANTÓNIO QUADROS

Joaquim Dontingues, APOLOGIA 1)I. CASTILHO 13
José Lança-Coelho, CARLOS QUEIROZ: 62 ANOS APÓS O PALE.CIMENTO 1)F UM GRANDE POETA 131
António Quadros Ferro, SOBRE ATRANSGE,RACIONALIDADE EM ANTÓNIO QUADROS 14-
António Quadros, DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A FILOSOFIA PORTUGUESA 140

AINDA SOBRE HERCULANO

António Citndido I rau, o. 1 HISTORIOGRAFIA E HISTÓRIA EM ALEXANDRE HERCULANO 160

RUBRICAS

ENTRECAMPOS, de J. Pinharanda Gomes.....	168
DO ESPÍRITO DOS LUGARES, de Manuel J. Gandra	173
AS IDEIAS PORTUGUESAS DE GEORGE'FILL, de Jorge Feiles de Menezes.....	182
LITERATURA ORAL E TRADICIONAL, de Ana Paula Guimarães	183

EXTRAVOO

Sérgio Quaresma, A EMERGÊNCIA DA COMPLEXIDADE E A PROFISSIONALIDADE DOCENTE	186
---	-----

BIBLIÁGUIO

O MOVIMENTO FENOMENOLÓGICO EM PORTUGAL E NO BRASIL, por José Maurício de Carvalho	194
ITINERÁRIOS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO PORTUGUÊS, por Afonso Rocha	197
JOSÉ SARAMAGO – DA CEGUEIRA À LUCI DEZ, por Joaquim Miguel Patrício	198
O VIAJANTE, por Rodrigo Sobral Cunha	200
UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE A TRADIÇÃO FILOSÓFICA PORTUGUESA, por Renato F. Epifânio	202

POEMÁGUIO

Fernando Pessoa, MAR PORTUGUÊS.....	7
Isabel Mendes Ferreira, VAI VOA.....	31
(>iancarlo de Aguiar, ETERNAS ROSAS	32
António José Queiroz, DÁLIAS, LÍRIOS E ROSAS	33
Catarina Inverno, PESSOA	45
Gabriela Lança, A FERNANDO PESSOA	45
Isabel Guimarães, PEDRA DE ALVIDRAR	78
Maria Luísa Francisco, PESSOA DE TI.....	78
Cynthia Guimarães Taveira, PORTUGAL	82
Henrique Madeira, EXPRESSÃO.....	111
Eduardo Aroso, POEMA ASCENSIONAL	115
Renato Epifânio, TÃO-SÓ PESSOA.....	122
Francisco Ribeiro Soares, NÃO FICAR	122
Fernando Esteves Pinto, O NADA.....	133
Gilda Nunes Barata, REPOUSO.....	159
Maria Leonor Xavier, CLARO ESCURO	163
Joel Henriques, RETRANSMISSOR	167
António José Borges, A VONTADE DA FLOR	203

MAPIAGUIO.....203

COLECÇÃO NOVA ÁGUIA.....204

ASSINATURAS.....205

A PROPÓSITO DE O GUARDADOR DE REBANHOS DE CAEIRO, UM OUTRO DE PESSOA, OU DO SENSÍVEL COMO FUNDAMENTO DA EDUCAÇÃO

Artur Manso

São quase meia centena os poemas que constituem *Oguardador de rebanhos*. Desde há muito, próximo da hermenêutica do professor Carlos Silva, tendo a considerar esta obra como uma espécie de manual para uma nova educação que se fundamente naquilo que é mais natural ao homem. E aquilo que se constitui como fundamento da humanidade é de facto o sensível. Antes de sermos homens, em pleno poder das capacidades racionais, temos que nos desenvolver nesse processo e integrar diversas experiências.

Os limites de cada um, nos diversos estágios do seu desenvolvimento, são apenas um primeiro impulso para sermos sempre mais, pelo menos, sermos tanto como o próprio universo que nos acolhe. Diz-nos Caeiro! Pessoa no poema I da referida obra:

*"Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar"*

Segue e olha. Não se fixa nem pensa, tanto mais que, ainda no mesmo poema, o Poeta conclui que "Pensar incomoda como andar à chuva". A educação é movimento, direi mesmo, é o essencial do movimento vital. É um caminho, um percurso, que se deve fazer na maior proximidade que seja possível a tudo aquilo que nos rodeia. As regras da nossa acção são-nos dadas pelos sentidos. Só os sentidos é que não mentem, porque eles são a porta de entrada do mundo.

No poema II Caeiro escreve que tudo aquilo que vê "está nítido como um girassol" e para que não restem dúvidas da primazia dos sen-

tidos no contacto com o mundo, diz mais, muito mais, quando escreve:

*"Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)*

Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

E pelos sentidos que nos relacionamos com o mundo e é por eles que a realidade se nos mostra nas suas cores múltiplas, cores que se esbatem à medida que as submetemos à abstracção do pensamento lógico-formal. Pensar é, assim, complicar, misturar as cores em tons de cinzento, esbatendo propositadamente a diversidade do que se vê. Desta forma, não é a luz que confunde os olhos, mas a reflexão que lhe é alheia:

*'Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é amar*

*Amar é a primeira inocência,
E toda a inocência não peruar... "*

Desta feita consuma-se a cisão entre o sentir e o pensar. As regras do pensar para Caeiro impedem a espontaneidade do sentir. Afastam-nos da magia do primeiro encontro e guindam-nos para um mundo construído através de referentes que resultam de um mero trabalho da abstracção, opondo-se, de forma restritiva, àquilo que percebemos das coisas no exacto momento em que as percebemos.

Estar doente é não querer ver as coisas como nos aparecem, é ter o mecanismo causal da sensibilidade afectado, procurando sempre uma razão de ser para elas. A elaboração explicativa, a racionalização dos acontecimentos, opõe-se assim à emoção vivida. Contudo, aquilo que somos deve-se mais à vivência do que à reflexão. Para Caieiro a fenomenologia das coisas é revelada pelos sentidos e não por qualquer trabalho adicional que só alguns podem fazer.

Os sentidos revelam-nos o mundo na sua extensão, tão extenso quanto o desejo de cada um, enquanto que o pensamento nos revela o mesmo mundo na sua compreensão, tão esquematizado quanto a capacidade racional de cada qual. A extensão é plural, variada, abre-se a diversos sentidos e múltiplas possibilidades, a compreensão é diminuída, o seu intento é reduzir a multiplicidade a uma uniformidade cuja lei só o intelecto a conhece e cujo olhar a racionalidade pretende orientar por completo. Caieiro não quer indivíduos doentes dos olhos pois sabe que sem o contacto directo com o mundo, sem a pluralidade das experiências e as variadas interpretações, cada um de nós não poderá descobrir o seu lugar na existência. A razão de ser do mundo não é o impor mas sim o dispor. As coisas aparecem-nos diversas e assim se devem manter. A regra de Caieiro é a do mínimo pensamento para o máximo sentimento, tal como nos diz no poema IV:

*"Se pensasse, nunca podia
Construir santos nem anjos"*

O pensamento limita o desenvolvimento humano porque as suas regras, na procura de uma veracidade que não existe, na demanda de um sentido único para a existência que se revela na multiplicidade, valorizam apenas aquilo que se pode verificar e remetem para o obscuro, tantas vezes para a doença, aquilo que não cabe nas suas categorias de processamento lógico.

A especulação metafísica, a procura das coisas na sua essência é considerada neste poema como algo inútil à existência humana, por isso

escreve no poema V que " Há metafísica bastante em não pensar em nada". O pensamento lógico e estruturado é uma espécie de doença, é tuna actividade a que só se deve aceder em caso de ser impedido de viver na plenitude que os sentidos nos trazem:

*"O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso"*

Passado o entorpecimento da doença em que se exercita o pensamento, em que há uma espécie de necessidade de interrogar o homem e as coisas, preocupar-se com a razão de ser daquilo que existe, vem a cura e com ela o contacto directo com aquilo que nos rodeia, vem o exercício dos sentidos os únicos que nos são fieis e nos dão o conhecimento que mais nos interessa:

*'Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensarem nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas':*

A haver metafísica ela tem de ser visível, tangível aos sentidos que orientam a nossa acção. Não se pode perder nos enredos de um pensamento estruturado que complica o simples. As coisas que compõem a natureza são belas porque se revelam inconscientes e se mostram num esplendor muito simples. Se pensassem, se compusessem os seus atributos já não poderiam gozar da mesma beleza:

*'Pensar no sentido intimo das coisas
É acrescentado, como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes':*

Mesmo a divindade, o inominado, se tem uma razão de ser, jamais poderá ser alcançada pelo pensamento. Deus só existiria se se mostrasse, se fosse tangível pelos sentidos. Como diz no poema VI

*"Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou".*

Não há razão para o desconhecimento das coisas uma vez que a sua razão de ser é poderem

mostrar-se. O sonho do Menino Jesus que volta à terra para ser criança, descrito no poema VIII, é um relato sobre o que deve ser a infância, local de brincadeira e proximidade com a natureza. Idade onde o limite é o horizonte e as condições da existência se medem pela relação imediata com o mundo através dos sentidos.

O menino deus que entre os adultos se tinha adulterado nunca quis deixar de ser criança, mesmo que o seu papel de redentor pudesse ser posto em causa. A sua fuga representa a evasão ao pensamento uniforme e massificante. Opõe-se também a todas as imagens do mundo racionalmente construídas e logicamente aceites. Como que a justificar essa fuga Pessoa escreve no poema IX o epílogo das suas cogitações:

*"Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca"*

O que é preciso afinal é viver ao ritmo da natureza, aproveitar essa união que nos é conatural e contribuir dessa forma para a unidade de que o pensamento lógico nos vem afastando. Todas as construções, todos os edifícios racionais esbarram na artificialidade em que se sustentam. Para quê ouvir composições musicais se a natureza, de forma espontânea, nos fornece muitos e variados sons? Para quê diferenciar artificialmente as coisas, distinguindo o belo do feio se a paleta do mundo nos oferece graciosamente uma multiplicidade de cores, sons, formas? Para quê escrever poesia se a beleza nos é revelada na simplicidade do que espontaneamente nos aparece?

Não há outra forma de dizer as coisas que não seja através dos sentidos, por isso, no poema XXI o poeta propõe

*"Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda"*

Caeiro/Pessoa deixa-nos uma lição pedagógica da maior importância pois releva que o mal não está na educação em si, não está na

maneira como nos ensinam a ver e a ouvir e a sentir... está, sim, na prevalência do pensamento abstracto sobre o sentimento que a educação inculca. Ora antes de sermos essencialmente racionais somos sensitivos. É assim que nascemos. São os sentidos que primeiramente nos dão a conhecer o mundo não é o pensamento. A educação presta portanto um mau serviço aos indivíduos quando subverte a razão de ser da existência, obrigando a fazer depois de pensar, submetendo os sentidos a realidades que não lhe pertencem.

Deveria por isso haver dois momentos no processo educativo: o momento de aprender de acordo com as estruturas lógicas e artificiais e o momento de voltar a desaprender o funcionamento dessas estruturas. Quanto mais pensamos menos tendemos a ser uma vez que todo o nosso esforço nos obriga a esquecer daquilo que realmente somos e que mais nos interpela. Quanto mais pensamos mais longe ficamos da infância que nos deu a conhecer o mundo sem filtros nem mediadores. Só um olhar que não se interroga nem espanta poderá estar de acordo com o fluxo normal das coisas e entender-se nesse todo do qual faz parte. Afinal de contas, como nos diz no poema XXIV:

*"O essencial é saber ver,
Sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa"*

*"Mas isto (tristes de nós que trazemos a alma vestida.)
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender"*

A mensagem é clara: aprender para esquecer a infância, a relação primeira com o mundo, é contribuir para a ignorância de quem somos e a conseqüente alienação do nosso eu. Sim, porque aprender significa substituir as bases da nossa vida por uma realidade exterior a nós. Desaprender no sentido em que Pessoa se expressa, significa que uma vez na posse do conhecimento lógico-formal devemos voltar a

valorizar as categorias da infância e a viver o mais próximo possível da natureza. Sem interrogações, sem tentativa de explicações... viver apenas no sentimento comunitário de que com o resto formamos uma unidade que não se deixa medir nem captar.

Este é o verdadeiro problema da educação, pois ao apresentar ao indivíduo um mundo fechado, sem novidade nem espontaneidade, impede cada um de ser aquilo que é, obrigando-nos a ser aquilo que os outros esperam que nós sejamos. Ao valorizar o pensamento lógico incute em cada um a ideia de que proceder ingenuamente é algo que de maneira nenhuma convém ao adulto. A adulez impõe o esquecimento da infância, impõe a sua sujeição a novas categorias que não lhe pertencem.

Por tudo isto Caeiro/Pessoa no poema XXXVIII não hesita em afirmar:

*"Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos"*

Racionalizar o invisível, esquematizar a realidade em quadros artificiais são algumas das faces das doenças do homem enquanto ser que pensa. Pensar não faz mal, o que verdadeiramente faz mal é querer substituir a realidade dos sentidos pela ficção do pensamento, o tangível e o palpável por aquilo que nem se vê, nem se sente, mas que no entanto se faz um esforço incrível para que seja visto e sentido de maneira uniforme por todos os existentes. Tal como refere no poema XXXIV Os pensamentos trazem escuridão à existência:

*"Para ver só os meus pensamentos...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu."*

De uma forma extraordinária, Caeiro ao pensamento lógico e racional, contrapõe outra possibilidade que se prende com o facto de cada coisa se manifestar inteiramente tal qual como aparece. Saber o que as coisas realmente são é apurar a capacidade de perceber essa grandeza. E ver com a intuição em vez de querer conhecer com o pensamento. Como diz no poema XXXIX

*"...o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum"*

O pensamento enreda-nos numa procura sobre aquilo que não existe e ao proceder assim vai-nos afastando da natureza das coisas, tornando-nos estranhos em relação a tudo aquilo que nos rodeia.

A verdadeira aprendizagem é aquela que nos ajuda a perceber

*"Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender"*

E estultícia da nossa parte pensarmos que pelo pensamento ficamos mais perto da compreensão dos mistérios do universo. Afastados da natureza e despojados dos sentidos, arrastamos a nossa existência num mundo que por não ser natural, não nos pertence, tal com revela o poema XLII:

*"[...]
Assim é a acção humana pelo mundo fora.
Nada tiramos e nada pomos;
passamos e esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias".*

Como partes de um todo temos a obrigação de perceber as coisas por partes. Somos homens não somos animais irracionais, nem flores, nem árvores nem frutos.... Esse sentimento de precariedade torna-nos felizes porque inviabiliza à partida uma procura da totalidade que a existir nos escapa por completo. A nossa função reside em conhecer-nos em relação com o imediato e a nada mais aspirar. Querer proceder de outro modo é contribuir para o erro, a falsidade e a nossa constante infelicidade que advém de uma educação cujo primeiro objectivo é afastar-nos da nossa relação imediata e directa com a natureza.

É isto, afinal, que Caeiro nos deixa como conclusão no poema XLVII:

*A natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.*

*Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei o que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fízi achar, achei".*

Com este poema o poeta apenas nos mostra o caminho da aprendizagem: integrar artificialmente as partes num todo é construir um mosaico de realidades que afinal não existem; o mistério é o afastamento do homem da sua verdadeira natureza, do paraíso que como sabemos também significa lugar de reunião; após a aquisição do conhecimento formal temos que voltar a viver de acordo com os ensinamentos dos sentidos e daquilo que eles captam imediatamente da natureza; conhecer a verdade é ser capaz de nos relacionarmos com a simplicidade de onde provimos e não complicar a nossa relação com a natureza.

Como ensinam os profetas e intuem os poetas, a sabedoria revela-se aos humildes, aos ignorantes, a todos aqueles que pacientemente esperam a sua manifestação, mesmo que sejam considerados loucos e analfabetos pelos designados sábios que apostam no pensamento racional como via adequada para chegar à verdade.

No final de tudo, no termo de uma vida cheia de ensinamentos e aprendizagens o que parece restar é o remorso de nos encontrarmos afastados daquilo que mais importa: a infância, única altura da vida em que com a natureza pudemos ser *Um*.

Como se pode ver no filme de Orson Welles, *Citizen Kane*, o senhor Kane, personagem central, depois de uma vida de muito trabalho e esforço que o levou ao sucesso, no leito da morte apenas se lhe ouvia uma palavra em forma de lamento: *Rosebud* que era o seu trenó brinquedo que lhe tinha servido de amparo durante a infância difícil mas, feitas as contas, mais gratificante e determinante que todos os sucessos que a vida adulta lhe tinham proporcionado. Pena é que só tão próximos da morte possamos valorizar devidamente a infância, local de origem e verdadeiro depósito da essência humana.